

1

Introdução

Ser um mestre inesquecível é formar seres humanos que farão diferença no mundo. Suas lições de vida marcam para sempre os solos conscientes e inconscientes dos seus alunos.

(Cury, 2003:72)

1.1

Considerações gerais

Esta dissertação surgiu na minha prática docente onde percebo que muitas vezes os alunos sentem-se altamente motivados para vir às aulas a partir do tipo de relações que criam na sala de aula. Vi-me envolvida e tentada a descobrir o que me encantava na minha prática pedagógica e até que ponto este meu encantamento poderia influenciar os meus alunos.

A motivação para esta pesquisa veio da pergunta que meus alunos tradicionalmente fazem no final do período letivo: “Você será nossa professora no próximo período?” Partindo do princípio que relações harmoniosas são tipicamente marcadas por fatores afetivos positivos, entendo que um aluno motivado a ter o mesmo professor reconhece a relação entre eles como prazerosa e bem sucedida. Instigada por esta pergunta dos alunos, decidi investigar como era construída a sensação de prazer e de sucesso nas minhas turmas uma vez que o enriquecimento mútuo é um objetivo para mim.

Algo que não podemos desconsiderar é que queremos fazer diferença na vida de nossos alunos. Queremos que eles aprendam, mas queremos que eles desenvolvam, antes de tudo, o gosto pelo estudo. Não existe fórmula mágica. Entretanto, existe uma magia que permeia todo processo de ensino-aprendizagem que é bem sucedido. O que faz que cada instante em sala de aula seja mágico e deixe sensações agradáveis estimulando o aluno a voltar para a escola ou para o curso com vontade de estudar? Com a intenção de entender todos estes aspectos

envolvidos nas minhas relações com os meus alunos investigarei minha própria prática pedagógica.

Desejando esclarecer melhor esta questão, analiso a relação aluno-professor. A relação do professor com cada um de seus alunos dá origem a interações afetivas. Em cada relação, ou seja, a partir da interação do professor com cada um de seus alunos e com a turma como um todo, verificamos a presença de algumas características recorrentes. Estas características variam desde perguntas ou comentários feitos pelos alunos até atitudes, gestos e expressões faciais.

Encontrei apoio em Allwright & Bailey (1991:198) para aceitar que meu questionamento residia sobre coisas que estavam indo bem em minha prática docente. Foi exatamente isso que aconteceu comigo. Mesmo refletindo a respeito das minhas crenças e das crenças dos meus alunos e também refletindo sobre como a sensação de prazer e sucesso em minha sala de aula é construída, minhas questões continuavam sem respostas. Descobri então que eu buscava mais entendimento do que respostas.

Stevick (apud Arnold & Brown 1999:43) advoga que o professor deve estar atento ao lado afetivo do seu aluno. Ele destaca a importância do afeto no processo de ensino e aprendizagem afirmando que materiais sem graça ganham vida e alunos não muito brilhantes obtêm grandes conquistas. Stevick postula que a evidência da aprendizagem se dá através de algum tipo de mudança na forma que reagimos ao que se passa ao nosso redor. Segundo ele, a forma que reagimos a uma língua depende de uma série de recursos que se instalaram em nossas mentes ao longo dos anos. Portanto, a aprendizagem significa para ele algum tipo de mudança nestes recursos internos da mente. As informações guardadas em nosso cérebro são arquivadas de acordo com a forma que nos afetam, ou seja, informações afetivas são arquivadas em nossa mente juntamente com outros tipos de informações, tais como, visuais, verbais, olfativas ou auditivas. Alguns pesquisadores acreditam que a emoção não somente faz parte das redes de nossa memória, ela é parte central em torno da qual nossa rede de memória organiza-se. Stevick encontra apoio em Damásio (1994, apud Arnold & Brown 1999:47) que reconhece uma intensa influência dos sentimentos no cérebro e na cognição.

Buscando entender o que se passava ao meu redor em minha sala de aula, eu olhava os meus alunos, observava suas reações, prestava maior atenção ao que diziam na esperança de que de repente, como num passe de mágica, todas as

respostas às minhas questões fossem se materializar na minha frente. Ainda bem que não foi assim que aconteceu. Tivesse eu tido as respostas imediatamente, minha vida pedagógica teria se privado de belos e preciosos momentos de reflexão. Momentos em que meus alunos, minha vida como discente, minha vida como docente, minhas aulas, meus planos de aula, e tudo mais que se encontra neste maravilhoso universo da sala de aula tornaram-se valiosos para mim. Foi nesta busca pelo entendimento que me identifiquei com a Prática Exploratória, que é uma forma de tentar entender nossas questões, e que no capítulo 3, irei descrever e dizer como me auxiliou nas minhas descobertas.

No decorrer da pesquisa tornei-me consciente de que a compreensão da minha questão poderia estar associada ao estudo de crenças no contexto de ensino e aprendizagem de línguas. Procurei, então, sistematizar ainda mais a minha busca pelo entendimento das crenças dos meus alunos e das minhas crenças em relação às nossas aulas e fazer uma análise comparativa entre as nossas crenças. Assim como Kuschnir (2003), algumas das minhas questões se colocavam na zona de questionamento (*puzzlement zone*).

Nesta investigação, no papel de professora-pesquisadora, a partir dos meus questionamentos pedagógicos e dos objetivos traçados para esta pesquisa, busco entender a seguinte questão:

1. Como é construída a sensação de prazer e sucesso em nossas aulas?

Com esta finalidade busco, também, entender:

2. Quais são minhas crenças?
3. Quais são as crenças dos meus alunos?
4. Há alguma congruência entre elas?

Com o objetivo de responder estas questões, proponho, nesta dissertação, examinar as minhas crenças e as crenças de meus alunos sobre a nossa aula. Busco também entender os ecos de nossas crenças no que acontece em sala de aula e através desta análise busco compreender como a sensação de prazer e sucesso é construída em nossas aulas relacionando os dados também com os princípios da Prática Exploratória.

Espero que os entendimentos das minhas questões possam interessar outros profissionais da área de ensino e aprendizagem de língua estrangeira inserida nos estudos da linguagem, professores em geral e pesquisadores cujos interesses estejam voltados para a sua própria prática pedagógica.

1.2

Questões de metodologia de pesquisa

Esta pesquisa foi realizada em uma sala de aula de língua inglesa e a informações foram geradas em uma turma de nível intermediário de inglês.

Com o objetivo de documentar com maior precisão os aspectos relevantes para este estudo fiz uso de quatro diferentes percursos investigativos: 1) auto-observação; 2) reflexão fora de sala de aula sobre minhas crenças e minhas ações pedagógicas; 3) comunicações informais com potencial exploratório (CIPEs); e 4) atividades pedagógicas com potencial exploratório (APPEs).

No presente estudo, me alinho com Stevick (1999:55), quando ele define aprendizagem como “o processo de modificar os recursos internos de um aluno de forma que estes recursos se tornem mais úteis”. O termo aquisição que Ellis (1985, apud Leite, 2003) descreve como os processos conscientes e/ou inconscientes em que a língua alvo é internalizada também é usado como sinônimo de aprendizagem. Uso o gênero gramatical feminino para fazer referências à figura da professora durante a análise de dados, mas o gênero gramatical masculino é utilizado em afirmações de caráter geral.

1.3

Organização dos capítulos subseqüentes

No capítulo seguinte trato especificamente do arcabouço teórico utilizado para realizar este estudo e abordo o conceito de crenças com uma breve revisão de literatura sobre o assunto. Nos capítulos 3 e 4 as informações são analisadas com o foco na percepção dos alunos e da professora e relacionados com os princípios da Prática Exploratória. No capítulo 5 apresento uma conclusão relacionada com as questões investigadas e sugiro futuros estudos a serem feitos a partir da presente pesquisa e discuto como eles poderiam contribuir para um maior entendimento do prazer e do sucesso co-construídos em sala de aula.